

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

R.98

O prólogo

França e a Alemanha

Trechos de Páginas do AGOSTO AZUL, por M. Teixeira Gomes

No momento em que se inaugura um novo período presidencial, é justo acolher nesta publicação as opiniões de quem vai dirigir os nossos destinos, ácerca de alguns países.

Não quiz o seu autor que elas se perdessem, e deixou-as num livro, como quasi todos os seus, retirado da venda, privando assim o publico de um mais amplo conhecimento das idéas, hábitos, tendencias e costumes do chefe do Estado.

São manuais de psicologia que muito convem conhecer. Os governados nem sempre alcançam o sentir dos governantes. Quando êles se revelam, são como corações que se abrem. O povo português é dos mais pobres nesse ponto, visto recolher, pelo menos só atravez d'este panfleto, algumas das confissões do senhor presidente da republica.

OPINIÃO SOBRE UM ALIADO

Ainda é do melhor que nos resta essa facilidade de forragear nas proprias mágoas, agora que a nossa mãe espiritual — para mim renegada — a França entendida, vai dançando rondas officiais em volta da estatua de Paulo de Kock. Estercoraria gente!

Agosto Azul, pag. LX.

IDÉAS SOBRE UM INIMIGO

Generosa raça! generosa, rija e douta!... Tu é que exhumaste os velhos mythos e a Biblia e os Vedas... e

á voz dos teus prophetas romanticos é que o Shakespeare e o Cervantes se levantaram do esquecimento nefasto para reinar gloriosamente e eternamente sobre a humanidade agradecida... Bebo á tua saude ó nobre raça!... E comia e bebia...

«Allemanha nebulosa, musical, medieval, symphonica, preciso conhecer-te, quero conhecer-te...

Agosto Azul, pag. 48.

Vulgarizados assim estes dois pontos de vista internacionais, após a impressão tão franca relativa á Inglaterra e seus marinheiros, vamos começar o novo quadrienio presidencial.

E' como á abertura que vo-los dou, leitores, fieis que sois meus e tambem o passais a ser de Sua Excelencia.

O Roberto grita do bastidor: Em scena. Pano acima!

Um mau brinde do senhor Mayer Garção à Republica

A monarchia ante o estrangeiro — A obra de
El-Rei D. Carlos — Da Hespanha ao Brazil —
Quem preparou a guerra — O «vol au vent» do
aniversario

Nem todos os bardos da Republica a esqueceram no seu aniversario. Um deles — o senhor Mayer Garção — porventura o mais sentimental affm — fez-lhe, porém, um mau presente.

Eu bem sei que muitas vezes o excesso de amizade conduz a perdoar as maiores faltas e que os poetas possuem imaginações exuberantes. Se tivesse que enviar as amendoas a uma pequenita, o senhor Garção teria menos exageros, todavia, no cartão em que lhas oferecesse, seria capaz de lhe chamar aquilo de que não é uso titular as creanças, mas não denegriria as outras para a enaltecer, e para de mais desconhecendo a verdade das suas afirmativas. Tratando-se da republica, o jornalista, no auge do delirio, acha-a magnificamente conceituada na Europa, porque veem ao Tejo uns navios comboiando o cruzador inglez, onde viaja o novo presidente, exactamente como as naus britannicas, ha um seculo, ha 116 anos, sequitavam o senhor D. João VI, quando ia a caminho de uma colonia de Portugal, de além Atlantico, ante a invasão dos francezes.

Não é motivo patriotico para jubilos e gaudios essa viagem do chefe do estado eleito pelo partido democratico — do presidente, só duma banda — a bordo de barcos da Inglaterra, como acontecia aos prefeitos das ilhas Jonicas mas, no seu fundo entusiasmo, o poeta agita o chapéu e dá vivas, engrinalda-se e embalona-se, vendo em tudo isso cousas que, na realidade, não existem em relação ao país.

Não é, porém, este o assunto que quero tratar, mas o referente ás afirmações historicas do senhor Mayer Garção, quando para erguer a sua republica aos pincares, começa a comparar a situação actual com a da monarchia em relação ás atenções do estrangeiro.

O articulista é, ao mesmo tempo, funcionario superior do ministerio dos estrangeiros — onde existe a documentação verdadeira do que impensadamente afirma — e por isso se torna mais imperdoavel a ligeireza dos seus dizeres:

«Quando é que a monarquia portugueza teve uma atmosfera internacional semelhante á que a Republica proporcionou á nação? Desses países ou fomos desconhecidos por vezes, ou por vezes se nos manifestaram hostis. A França invadiu-nos, um dia, depois de Napoleão, com um favorito hespanhol, haver cortado e recortado o nosso país no tratado de Fontainebleau, e mais tarde sofremos o desgosto de ver o almirante Roussin forçar a barra do nosso Tejo, que não tinha defesa apreciavel, para humilhar a nossa bandeira, no proprio coração de Portugal, que é esta Lisboa das glorias e das descobertas.»

Naturalmente, o senhor Mayer Garção, sabe as circumstancias em que se deu essa invasão a que se refere tão alardeante e ruidoso. Portugal — a monarquia portugueza — para não faltar á sua aliança com a Inglaterra, recusou a Napoleão, senhor do mundo, fechar os seus portos ás naus britannicas. Os soldados francezes chegaram e encontraram um país ajoelhado, medroso, sem armas e sem exercito, desde que obrigavam os seus melhores generaes e soldados a servir o Imperador. Até por signal — segundo o senhor Teixeira Gomes afirma — um dos seus avós foi na Legião Portugueza e por lá ficou a bater-se contra a sua patria, pois esteve em Waterloo — é sua excellencia quem o escreve — quando os portuguezes já refeitos, e ao lado das fardas vermelhas dos britannicos, batiam o inimigo, o francez. Todavia, era por causa da sua passagem pelo mundo, á sombra das aguias imperiaes, que a liberdade nascia. As lojas maçonicas, onde fermentavam as republicas, foram elles que as fundaram em Lisboa, como em Madrid, na Westphalia, como em Napoles.

O almirante Roussin, veiu a Portugal, aprisionar a esquadra miguealista, em 1832, porque um dos subditos da França, chamado Edmond Potenciano Bonhomme e uns outros da sua nacionalidade se meteram na politica portugueza e foram presos. Aquelle francez era republicano. O primeiro enterro civil que Lisboa viu, foi o seu. Como se vê, não é motivo para jubilo a tomada de uns barcos do nosso país, afim de proteger o estrangeiro que nada tinha com os actos do governo, então de facto. O senhor Garção ignorava isto, pois, do contrario — piamente o acreditamos — não seria capaz de citar este facto como um deslustre da monarquia. Ela defendia-se e á nação; o francez espesinhou-a e arrebatou-lhe os bens. Um patriota não rejubila, por tal motivo. Entretanto, a França — a nossa mãe espirital, como banalmente se diz — e á qual o senhor Teixeira Gomes chama a pag. 84 do seu livro *Agosto Azul: estercoraria gente*, já largamente pagou á monarquia e a Portugal as suas duas dividas sangrentas.

Loubet, presidente dessa republica, veiu a Lisboa, mostrou o seu carinho pela nossa patria, viveu, na intimidade de D. Carlos, em horas inesqueciveis e trouxe-o aqui, com as honras da sua nação, uma missão mais allá do que se imagina e a qual a republica estragou. Sabem o que veiu fazer a Portugal o presidente Loubet? Veiu preparar a guerra contra a Alemanha. E' assim mesmo. Nós deviamos ter um grande papel no mundo, porque teriamos ido combater dignamente em África. Esses barcos que escoltam o presidente, só duma banda, embora use as das Tres Ordens, são ainda devidas a essa combinação diplomatica secreta, em que colaboram Loubet, Afonso XIII, Eduardo VII e da qual sabia Victor Manuel. O Kaiser caiu inopinadamente na nossa capital, agitado e cheio de indignação, mal vestido na farda de cavalaria 4.

Magnificamente a França pagou á monarquia os velhos ultrages, tor-

nando-a sua confidente e aliada secreta. Por signal, o jornal *O Mundo*, onde o senhor Mayer tanto rejubila, pelo que julga a victória da sua causa, não pensava então do mesmo modo que depois do senhor Alense Costa — desfeito o seu conluio com a Alemanha, conforme affirmava o senhor doutor Antonio José de Almeida — lhe ordenar o volte face: a politica da guerra feita de subserviencias:

E' ou não verdade que Portugal, por um tratado secreto com a Inglaterra, tem obrigação de auxiliar este país e a França com cem mil homens, na hipotese de uma guerra com a Alemanha? perguntava o jornal de França Borges.

O ataque era formal e rijo contra a nossa participação nos campos de batalha, mesmo nos africanos. Desta maneira os republicanos encaravam a probabilidade da guerra da qual tanto proveito tiraram.

Mas o sr. Garção, em vez de compulsar documentos, atira as suas afirmativas num presente à sua pupila aniversariante.

«A Espanha, no periodo aureo da monarquia derrubada em 5 de outubro de 1910, não pensava ainda senão em absorver-nos empregando a astucia à falta de força necessaria, e não representou outra coisa a missão de Fernandez de los Rios em Portugal, por mandado do general Prim.»

O proprio Fernandez de los Rios o negou no prologo do seu livro celebre, *Mi Mission en Portugal*, onde viera em busca de um rei chegando a obter de D. Fernando II uma resposta em termos tão dignos que mais parecem de um português, à antiga, que de um príncipe naturalizado, de um germanico desses tão desdenhados pelos homens do regimen, excepto pelo chefe do estado que ajoelha ante a Alemanha, a pg. 48 do seu livro *Agosto Azul* no qual repele e insulta a França.

«É preciso, para que possa ser rei de Hespanha — escrevera o viuvo de D. Maria II — que se arranje a sucessão de forma que as corôas de Espanha e Portugal jámais possam pousar na mesma cabeça.»

A posição da condessa de Edla ia resolver-se tambem e, como fosse pouco à vontade do soberano, isso contribuiu imenso para que repudiasse o trono oferecido por Prim. Daí ao iberismo vai a rapidez de um vôo de aguia ao caminhar de uma tartaruga.

Nada mais simples do que desfazer esse castelo de nuvens, em claras de ovo abatida pelo bando republicano. Para amostra bastava o que ficou aí exposto, porém, já agora, quero chegar ao fim.

Tambem sobre o povo brasileiro se pronuncia o sr. Garção pondo-o de mal com a monarquia.

«Com o Brasil chegámos a ter interrompidas as nossas relações internacionais, porque houve na monarquia quem nutrisse a louca aspiração de contribuir eficazmente para a restauração de um trono, que o povo brasileiro havia demolido, no pleno uso da sua vontade soberana.»

Não ha uma unica indicação nesse sentido. O que se deu foi o acolho a bordo de um navio português, comandado pelo capitão de mar e guerra Augusto de Casilho, de alguns dos rebeldes da sedição de Saldanha da Gama. Isso, porém, teve menos importancia que o caso dos poveiros sucedido em plena republica.

O povo e o governo brasileiros, porém, com toda a sua amabilidade, carinho e amor nos indemnizaram desse vago aborrecimento convidando D. Carlos para ir ao Brasil, a lançar o fundamento de uma aliança sólida. Acerca desse grande empreendimento, tratado pela sua habil diplomacia, escrevia el-rei á duqueza de Usès:

«Farei uma viagem — mas que viagem, uma viagem singularmente politica e de uma importancia capital para a minha obra. No mês de maio parto para o Brasil durando o meu afastamento dois meses (o que dirão os meus parentes brasileiros !!!)

Convem não esquecer que naquele país temos ainda cerca de dois milhões de subditos portuguezes e que, em geral, são dos mais inteligentes e dos mais ricos que lá se encontram.

A maior parte, após muito trabalho meu, está já muito bem orientada.»

Assim falava o rei; deste modo êle sacrificava ao país os seus parentes.

Ha, porem, mais, muito mais. Tambem o sr. Mayer Garção não esqueceu o conflicto com a Inglaterra do qual pretende fazer a prova de menos-preço desse país pela monarchia:

«E com a Inglaterra, com a propria Inglaterra, tivemos o conflicto gravissimo do ultimatum, que o govêrno da monarchia recebeu em plena face. Como hoje tudo mudou! A Republica só tem mostras de consideração da parte de países de que a monarchia recebeu agravos.»

Foi nesta época que os homens da republica começaram a fazer a sua propaganda mais intensa. A Portuguesa — esse hino feito por um alemão contra a Inglaterra — tornou-se tanto o cantico da revolta que ainda ha pouco a sua partitura não figurava a bordo dos navios britannicos. Os insultos mais soezes foram dirigidos pelos revolucionarios «à perfida «Albion», «à aliada dos Braganças», à bebedia impudente.»

O soberano, nobremente, lhe devolveu a Jarreteira. Porem tudo passou. Eduardo VII veio procurar, no maximo segredo, o auxilio do aliado para a guerra contra a Alemanha, Lisboa viu-o ao lado do nosso monarca e o mundo sentiu a nossa força. Mataram o rei, assassinaram o almirante da esquadra inglesa, logar a que não chegou ainda nenhum dos herdeiros do poder, e, dali a um ano, os republicanos senhores José Relvas, Bernardino Machado e Magalhães Lima foram à capital da «perfidia aliada dos Braganças» solicitar licença para fazer a republica.

A monarchia falou, no tempo de D. Carlos, de igual para igual com essa potencia, embora os republicanos o neguem, mas êles foram mendigar o seu apoio, enfeudar-nos como se pertencessemos às colonias britannicas.

A demonstração contraria ao que o articulista do Mundo pretendeu provar ficou aqui documentada e forte; o resto é uma ligeirisa de pensamento, uma entusiastica ode à republica, cegando o seu autor, e a prova está em que, no fim, demoliu tudo quando quis provar: a nossa prosperidade, a independencia, o bem estar, ao escrever:

«O que é que nos enerva, nos infelicita, nos impele para um pélagos de desgraças? Apenas as condições da vida, tornadas incomportaveis, sobretudo, por uma especulação furiosa. E é isto que nos detem, é contra isto que se não investe, ao mesmo tempo que se procura cercar os meios de vida a classes que não podem manter o equilibrio entre os seus magros recursos e a carestia da vida, cada dia aumentando em proporções monstruosas. Diga-se o que se disser, acumulam-se sofismas e prepotencias; isto é, uma coisa dolorosa e horrivel, e, enquanto ella subsistir, não ha nada que não esteja em perigo.»

Mais valia ter oferecido um simples soneto à sua querida, no qual lhe chamasse até donzela, do que fazer-lhe este triste presente, num dia de aniversario.

É como se lhe mandasse uma autentica crosta vol-au-vent antes de lhe meter a guarnição.

O Rajah

Preferencias de um oriental — Da mediana — ao maravilhoso — Uma guerra de encher os cofres — Um encantador de serpentes e as mulas da artilharia — As fardas vermelhas e as digestões

Aquele rajah aborrecido ante as tribus piolhosas e submissas, as gentes de Radjpatana, Brahnaputra e Mysoro, largara para Londres a tirar um curso de doutor. Não possuia a fortuna dos seus pares e, apagamamente, o rajah, existia meditando sobre os Vedas e negociando em chá. Nas pobres terras distantes, o povo dolorido comia as suas rações de arroz pôdre, trazia na testa o sinal da fome e as ervas cresciam ao acaso ante a miseria e a dôr. Os tigres vinham até á antiga residencia em busca de presas e os homens, acochados, tremiam esperando sempre que êles os devorassem. Um dia, um encantador de serpentes descobriu que os ingleses gostavam da raíz do gengibre, que mordiscavam o zimbro e o seu incenso os perfumava e, então, tratou de os colher ás mancheias para os vender por um punhado de arroz. Depois imaginou fazer o negocio em mais larga escala e lembrando-se do seu principe faminto debruçado sobre os livros sagrados e vendendo as folhas do chá, nessa Londres tumultuosa, tornou-o seu agente.

Largamente o rajah vendeu as plantas e raízes da sua terra ardente, os matagaes desbastavam-se e a juta aparecia, a cochonilha acrescentava-lhe o negocio e aquele homem de gostos complicados, amigo do goso, tentado pelo luxo, recordando as maravilhosas pompas dos marajahs de outras edades e mesmo a dos que, como êle, não estavam no desalento de poucos teres, desejou, ambicionou, sonhou com o fantastico, com o sublime, com o faraonico. Os produtos vendiam-se em quantidades enormes e êle, em seus trajos europeus, bem talhados em Regent Street, enchia de preciosidades o palacio que alugara, e não havia antiquario que não soubesse da sua magnificencia.

Êle tinha de Assyria e da Chaldea os seus baixos relevos, da Persia e Caramania seus tapetes raros e as pedras preciosas scintilavam em seus moveis envidraçados dando o tom da opulencia e da exibição com seus reflexos e tonalisações. Por todas as casas os coxins turcos revelavam lascivias.

O rajah não tinha que fazer o menor esforço. Chegavam as mercadorias à sua consignação e os britannicos pegavam-lhes nos caes, conduziam o gengibre para as fabricas de *Ginger-beer* e para as sobremesas dos gas-

tos de paladar, a cochonilha para as tinturas e a juta para suas fabricas de comodidades; e o agente recolhia os lucros, recostava-se nas suas cadeiras magnificas e na sua pomba de nababo esperando de Budha mais riquezas e dons.

Um dia chegou a noticia de que certa semente, abundante em sua provincia, sustentava os gados ávidos de a devorar. Deviam a descoberta ao acaso; era uma especie de fava encascada, chatinha como a alfarroba e, como ela, negra e adocicada e o encantador de serpentes, danado com os inglezes, que só empregavam maquinismos e não usavam as mulas, apetezia-lhes cataclismos e a necessidade de bestas de tiro.

Começou, nesse anno, uma grande guerra. Parecia que se voltava aos tempos barbaros de Tamerlão, por todo o mundo se aprontavam exercitos, as fardas atulhavam os armazens e não havia arma inutil, nem homem sem utilidade; os generos mais extranhos eram aproveitados e, lá longe, nas margens gangeticas, o indio, de frente na poeira, promedia riquezas a Budha e até à Soma Indra se lhe pedissem da planta tão boa para o alimento dos gados. Seria o deslumbramento. O rajah, já instalado num palacio, só solicitava dos deuses que a guerra não acabasse porque jámais houvera tantas requisições de generos pagos a peso de oiro. O seu deposito no Banco de Londres era avultado, porem queria-o decuplicado para viver com mais brilho e fantasia que o proprio marajah de Kupurkala. Apetezia delirios das *Mil e Uma Noites* e, como era devassosito, muito das porcarias que os sentidos lhe ordenavam, material no meio de suas sedas, sonhava com bacantes rebolando-se nos Caramanias e em vêr-se tonto, embriagado de luxuria e de licores raros, a gosar a vidança larga de um privilegiado.

Lá ao longe, acocorados e tísicos, os seus indios comiam o arroz pôdre.

Quando lhe encomendaram, ante a amostra, porções colossaes da semente fa endoidecendo e, então, com a vil ganancia dos milionarios, sentiu-se capaz de tudo para que jámais a guerra acabasse. Pensou, logo, em oferecer homens, como o zimbro, a palha de arroz, e as sementes e, ao julgar que certo profeta negava gente à sua cupidez, desacreditou-o. Que morresse todo o Indostão, que os deuses mergulhassem nos baratros, êle queria uma guerra sem fim para vender os produtos e acumular mais riquezas.

Que valia essa malta enfesada a espiolhar-se, na sombra das palmeiras, em relação a ele, rajah reinstalado na existencia faustuosa do passado, capaz de vender a alma para que redobrassem seus prazeres? E longas filas de pobres tismados, tímidos e saudosos, passavam para a hecatombe. Cada vez o seu palacio tinha mais riquezas e o outro — naquele que habitaria na India — templo magnifico para as suas preciosidades e molezas, já se aguardava a hora da sua vinda como uma esperanza, em suas prodigalidades. Acocorados, os parias, choravam.

Ele, porém, era aváro e egoista. Gastava apenas comsigo e em exhibições teatraes, em carnes de femias que o estonteassem e daí ainda o perguntar quanto lhe daria cada habitante da sua terra para consentir em os encaminhar e dirigir, em mostrar-se e deslumbrá-lo. Milhões de rúpias ofertaram a seu amo os lacaios do encantador de serpentes, riquíssimos tambem, e o povoleo triste e faminto pagou.

la passar, com todo o seu fausto, sobre os territorios onde o arroz mal chegava para metade da população e entrava na cidadesia banhada

de sol, com os carros esplendorosos das suas magnificencias. Um cortejo soberbo desfilava; as bailadeiras contorciam-se sob os seus veus suaves, elefantes pesados, ostentando seus palanquins vermelhos e doirados, marchavam nas scintilações da luz forte, cipais firmes e enturbantados de fardas alvas, seguiam na segurança da ordem e da força. De rosto nopo, suando, a população esperava vêr o senhor, o semi-deus, o nababo do qual se narravam as explorações felizes e cujas riquezas faraónicas eram citadas com respeito e superstição.

Enfim ele appareceu vestido á europeia, de chapéu alto, num automovel, despresando a tradição palanquina, e levando ao nariz civilisado um lenço embebido em essencias. O seu povo fedia. Uma prega desdenhosa acentuava-se em seu labio sensual e os olhos do rajah empeihancavam-se num ar aborrecido. A canalha, de joelhos, exalava fartum, esse cheiro da miseria e da desgraça que participa do suor pegajoso e das digestões de feijão. O grande marajah enjoava e, em inglês, soltava seu despreso para a orelha peluda e rubra dum general britanico que se recostava junto dele ensacado numa farda escariate. Parecia uma lagosta pançuda borrada de mayonaise: o oiro e as medalhas.

Assim entrou em seus paços o magnifico senhor que tão falado começou a ser por essa India alem. Celebraram-se os seus gostos e as suas elegancias, contava-se tanto dos seus lustres que até as palavras resplandeciam quando lhe faziam referencia e ele, triumphal, soberbo, precioso, esquecido do passado, só queria ganhar a fama dum ultra-civilisado ante uma turba de grosseiros homens de mister.

Correra largamente a sua larga cronica e cada vez havia menos arroz. O domador de serpentes vivia, agora, em Londres continuando o negocio e as tribus ouviram narrar as fantasticas somas que recolhera para sua comandita.

Então, num ano em que os arrozais foram arrastados por uma cheia do Ganges, a multidão enfureceu se, rondou em colera o palacio das maravilhas e despenhou-se, num rancor, contra as paredes em busca já não de migalhas para a sua fome mas de saciedade para o seu odio aquele rajah, desnacionalisado e feliz, que tinha sempre nos labios a mesma prega desdenhosa, nos olhos o ar aborrecido, no nariz o lenço encharcado de essencia. Só desmanchou esta atilude ante aquela malta suada e fetida que bramava de punhos no ar, ameaçadora, devastando tudo. E os seus gritos abafavam a supplica do poderoso gosador que chamava o general inglês, na sua farda vermelha, lagosta lambuzada de mayonaise.

Este, lá ao longe, digeria e ressonava.

O Parlamento e sua materia prima no ano XIII da Republica Portuguesa

A titulo de curiosidade, formando, todavia, algumas paginas para a Historia, archivamos a composição do Parlamento portuguez do qual safu eleito o novo presidente da republica e que vai exercer a sua acção no decimo terceiro ano do regimen.

REPUBLICANOS com filiação anterior á revolução formam um grupo historico, pois estes senão arriscaram suas vidas — a maioria era doutrinaria — ao menos expunham suas opiniões. Seriam, no futuro, a garantia da pureza dos principios.

Existem, 68.

EX-MONARQUICOS — Isto é, individuos que serviram no velho regimen, embora sem apreciavel destaque, compõem um nucleo numeroso no parlamento, recordando o passado, aproveitando o presente.

Existem 84.

RECEMVINDOS — Representam uma quantidade importante nas duas Camaras. A maioria já tinha idade suficiente para expôr as suas opiniões ha 13 anos ou para saír á rua a bater-se. Nenhum dos apontados nesta designação o fez. Podem considerar-se, parlamentarmente, uma população flutuante.

Existem 57.

Como se depreende da lista os principios estão subvertidos entre a adesão e a reflexão. Os antigos monarchicos ligaram-se; os recém-chegados reflectiram após as derrotas monarchicas e acorreram.

MONARQUICOS — Estão no parlamento 10 representantes do partido monarchico.

A FIM DA LISTA SER UM BOM ELEMENTO PARA A HISTORIA ACEITAM-SE RECLAMAÇÕES COM RECTIFICAÇÕES GARANTIDAS.

SENADO

LISTA ALFABETICA

63 SENADORES

Republicanos	17
Ex-monarquicos	32
Recemvindos	10
Monarquicos	4

Abilio Lobão Soeiro, Ex-monarquico — pertencia aos regeneradores de Teixeira de Souza.

Afonso Henriques do Prado Castro e Lemos, Republicano.

Alfredo Narciso Marçal Martins Portugal, Ex-monarquico.

Alvaro Antonio Bulhão Pato, Ex-monarquico. *R.*

Anibal Augusto Ramos de Miranda, Ex-monarquico.

Antonio Alves de Oliveira Junior, Ex-monarquico.

Antonio da Costa Godinho do Amaral, Ex-monarquico

Antonio de Souza Varela, Republicano.

Antonio Maria da Silva Barreto, Republicano.

Antonio Xavier Correia Barreto, Ex-monarquico — Era das relações pessoais do rei. Conspirava com os republicanos. *R*

Artur Augusto da Costa, Ex-monarquico — Irmão de Afonso Costa manteve-se regenerador até 5 de outubro.

Artur do Rego Chagas, Ex-monarquico.

Augusto Casimiro Alves Monteiro, Ignora-se as suas antigas tendências — Só agora appareceu na politica. *ex monarch.*

Augusto Vasconcelos, Republicano.

Augusto de Vera Cruz, Republicano.

Cesar de Lima Alves, Ex-monarquico.

Cesar Procopio de Freitas, Ex-monarquico — As suas fotografias junto de El-rei D. Carlos atestam o seu desejo de agradecer.

Duarte de Sá Viana, Só agora appareceu na politica.

Elisio Pinto de Almeida, Republicano.

Ernesto Julio Navarro, Ex-monarquico — Fazia parte dos regeneradores de T. de Souza.

Francisco Antonio Paula, — Só agora appareceu na politica.

Francisco José Pereira, Republicano.

Francisco Ramos da Costa, Republicano — Conspirou com os republicanos mas ia ás recepções do paço.

Francisco Vicente Ramos, Ex-monarquico.

Francisco Anacleto da Silva, Ex-monarquico.

Frederico Ferreira Simas, Ex-monarquico.

Herculano Galhardo, — Tendencias anarquistas. Manifestou-se, após a republica, republicano.

João Borges do Canto, Ex-monarquico.

João Catanho de Menezes, Ex-monarquico — Apesar de grande amigo de

- José Luciano nunca o fizeram ministro no seu partido—o progressista.
- João Carlos da Costa,—Só agora appareceu na politica. R.
- João Pessanha das Neves, Ex-monarquico.
- João da Cunha Barbosa,—Só agora appareceu na politica.
- João Trigo Moutinho,—Só agora appareceu na politica.
- Joaquim Crisostomo Silveira, Republicano.
- Joaquim dos Santos Garcia, Ex-monarquico.
- Joaquim Gil de Matos,—(Só agora appareceu na politica).
- Joaquim Teixeira da Silva, Ex-monarquico.
- * Joaquim Oriol Pena, Monarquico—E' senador do partido monarchico.
- Jorge Velez Caroco, Republicano—Official do exercito, não se manifestava no tempo da monarchia.
- José da Costa Junior, Republicano—Democratico—Socialista.
- José Augusto Ribeiro de Melo, Republicano.
- * José Augusto de Sequeira, Monarquico—E' senador do partido monarchico.
- José Joaquim Fernandes de Almeida, Ex-monarquico.
- José Pontes, Republicano.
- José Pereira Osorio, Republicano.
- José Machado de Serpa, Monarquico—Magistrado aderiu rapidamente e fez parte da Constituinte.
- José Mendes dos Reis, Ex-monarquico.
- José Braz Castelo Branco,—Só agora appareceu na politica.
- Julio Ribeiro, Ex-monarquico—Redactor do jornal órgão dos regeneradores na Guarda.
- Julio de Lima Duque, Ex-monarquico.
- Luiz Aragão e Brito,—Só agora appareceu na politica.
- Luiz Simões de Almeida, Ex-monarquico.
- Manuel Gaspar de Lemos, Ex-monarquico. R.
- Pedro Ferraz Chaves, Republicano.
- * Querubim Guimarães, Monarquico—E' senador do partido monarchico.
- Raymundo Enes Mera Ex-monarquico.
- Ricardo Paes Gomes, Republicano.
- Roberto da Cunha Baptista, Ex-monarquico—Progressista, chefe de gabinete de Sebastião Teles
- Rodolfo Xavier da Silva, Republicano.
- Rodrigo Alvares Cabral, Ex-monarquico.
- * Thomaz d'Almeida Vilhena—(D.), Monarquico—E' senador do actual partido monarchico.
- Vasco Chrispinião da Silva, Ex-monarquico.
- Vasco Gonçalves Marques, Ex-monarquico

DEPUTADOS

LISTA ALFABETICA

156 DEPUTADOS

Republicanos	51
Ex-monarquicos	52
Recemvindos	47
Monarquicos	6

- Abilio Marçal, Ex-monarquico.
 Abilio Mourão, Ex-monarquico.
 Adolfo Coutinho, Ex-monarquico.
 Adriano Chrispiniano da Fonseca, Republicano.
 Alonso Costa, Republicano.
 Afonso de Melo Ponte Veloso, Ex-monarquico.
 Albano Portugal Durão, Ex-monarquico.
 Alberto Alves da Cruz, Ex-monarquico.
 Alberto Ferreira Vidal, Ex-monarquico.
 Alberto Jordão Marques da Costa—Só appareceu após a proclamação da republica.
 Alberto Lelo Portela, Republicano.
 Alberto de Moura Pinto, Republicano. *Ex monarch*
 Alberto da Rocha Saraiva, Ex-monarquico. ?
 Alberto Xavier, Republicano.
 Albino Pinto da Fonseca, Ex-monarquico.
 Alfredo Sá Cardoso, Republicano—Foi dos officiaes revolucionarios. Deixou a Rotunda antes da victoria.
 Alfredo Pinto de Azevedo e Sousa,—appareceu na politica depois da republica. *R*
 Alfredo Rodrigues Gaspar, Ex-monarquico—aderiu logo e fez parte da Constituinte.
 Alvaro Xavier de Castro, Republicano.
 Amadeu Leite de Vasconcelos—Apareceu na politica depois da republica.
 Amaro Loureiro, Ex-monarquico.
 Americo Olavo, Republicano.
 Angelo da Cunha Sampaio, Ex-monarquico.
 Anibal Lucio d'Azevedo, Republicano.
 Antonio Abranches Ferrão, Ex-monarquico.
 Antonio Torres Garcia, Ex-monarquico.
 Antonio Marques d'Azevedo, Ex-monarquico.
 Antonio Tavares Ferreira—appareceu na politica após a republica.
 Antonio Correia, Ex-monarquico.
 Antonio Dias—(appareceu na politica após a republica). ?
 Antonio Ginestal Machado, Republicano.
 Antonio Ferreira da Fonseca, Republicano.

- † Antonio Lino Neto, Ex-monarquico — É deputado catolico.
 Antonio Maria da Silva, Republicano — Foi administrador do concelho da monarchia. Conspirou contra o velho regimen. *do uermanq.*
 Antonio Mendonça, Ex-monarquico.
 Antonio da Silva Marques, Ex-monarquico.
 Antonio da Paiva Gomes, republicano — Foi quem iniciou a subscrição para os filhos do Buiça em Timor.
 Antonio Rezende — Apareceu na politica após a republica.
 Antonio de Sousa Maia, Republicano.
 Antonio Vicente Ferreira, Ex-monarquico
 Armando Agatão Lança, Republicano.
 Artur Lopes Cardoso, Ex-monarquico.
 Artur Brandão, Ex-monarquico — Regenerador de Teixeira de Sousa.
 † Artur Moraes de Carvalho, Monarquico — actual deputado do seu partido.
 Artur Almeida Ribeiro, Ex-monarquico.
 † Artur Carvalho da Silva, Monarquico — Actual deputado monarchico.
 Augusto Alves dos Santos, Ex-monarquico,
 Augusto Pereira Nobre, Ex-monarquico.
 Augusto Pires do Val, Ex-monarquico.
 † Ayres d'Ornelas e Vasconcelos, Monarquico — *Leader* monarchico.
 Baltasar Almeida Teixeira, Republicano.
 Bartolomeu dos Martires Severino, Republicano.
 Carlos Candido Pereira — Só appareceu depois da republica
 Carlos de Vasconcelos — Só appareceu depois de republica.
 Constancio d'Oliveira, Republicano,
 Custodio Maldonado de Freitas, Republicano.
 Custodio Martins de Paiva — Só appareceu depois da republica.
 Delfim Moreira Lopes — Só appareceu depois da republica.
 Delfim Costa — Só appareceu depois da republica.
 Domingos Leite Pereira, Republicano.
 Eugenio Rodrigues Aresta — Só appareceu depois da republica.
 Fausto de Figueiredo, Ex-monarquico.
 Felix Moraes Barreira — Só appareceu depois da republica.
 Fernando Freiria, Ex-monarquico.
 Francisco Coelho do Amaral, Ex-monarquico.
 Francisco Cruz, Republicano.
 Francisco Rego Chaves, Ex-monarquico.
 Francisco Diniz de Carvalho — Apareceu depois da republica.
 Francisco Velhinho Correia, Republicano.
 Francisco Homem Cristo, Republicano — Pertenceu a um dos primeiros directorios, sendo official do exercito. Esteve na Galiza com Couceiro mas não incursionou.
 Francisco Cunha Leal, Republicano.
 Germano José de Amorim — Apareceu depois da republica.
 Hermano de Medeiros, Ex-monarquico.
 Henrique Pires Monteiro, Ex-monarquico.
 † Jaime Duarte Silva, Monarquico — Deputado monarchico.
 Jaime Julio de Sousa, Ex-monarquico — Regenerador de Teixeira de Sousa.
 Jaime Pires Cansado — Apareceu depois da republica.
 João Baptista da Silva, Ex-monarquico.
 João Moniz Bacelar — Apareceu depois da republica.

- João Estevão Aguas, Ex-monarquico.
João Camoezas, Republicano.
João Luis Damas, Republicano.
João Luis Ricardo, Republicano.
João de Almeida Pessanha, Ex-monarquico.
João Pereira Bastos, Republicano — Conspirou contra a monarchia, sendo militar.
João Pina de Moraes, Republicano.
João Salema — Apareceu depois da Republica
João de Sousa Uva — Apareceu depois da republica.
João Queiroz Vaz Guedes, Ex-monarquico.
João Victorino Mealha — Apareceu depois da republica.
Joaquim Ribeiro, Republicano.
Joaquim Brandão, Republicano.
x Joaquim Diniz da Fonseca, Ex-monarquico — E' deputado catolico.
Joaquim José de Oliveira, Republicano.
Joaquim da Silva Matos — Apareceu depois da Republica.
Joaquim Ribeiro de Carvalho, Republicano.
Joaquim Seráfico de Barros — Apareceu depois da republica.
Jorge Capinha — Apareceu depois da republica.
Jorge Nunes, Republicano.
José Antonio Magalhães, republicano.
José Carvalho dos Santos — Apareceu depois da repblica.
José Cortês dos Santos — Apareceu depois da republica.
José Domingos dos Santos, Ex-monarquico.
José Gomes Vilhena, Ex-monarquico.
José Nunes Loureiro, Republicano.
José Norton de Matos, Ex-monarquico. — Afirma-se que conspirou em Vizeu, sendo sub-chefe do estado maior, quando da 1.^a incursão.
José Prazeres da Costa, Republicano
José Soares de Medeiros — Apareceu depois da republica.
José da Costa Gonçalves, Ex-monarquico.
José de Oliveira Salvador — Apareceu depois da republica.
José Pedro Ferreira — Apareceu depois da republica
Julio Gonçalves, Ex-monarquico.
Julio Henrique de Abreu — Apareceu depois da republica.
x Juvenal de Araujo, Ex-monarquico. — E' deputado catolico.
Leonardo Coimbra, Republicano.
Lucio dos Santos, Republicano.
Lucio Martins — Manifestou-se depois da republica.
Luis Tavares de Carvalho — Manifestou-se depois da republica, mas firme e audazmente.
Luis da Costa Amorim — Apareceu depois da republica.
Manuel Alegre, Republicano.
Manuel Brito Camacho, Republicano.
x Manuel Duarte, Monarquico — E' deputado do seu partido.
Manuel Fragoso — Manifestou-se depois da republica.
Manuel Ferreira da Rocha, Ex-monarquico.
Manuel de Sousa da Camara, Republicano.
Manuel de Sousa Dias Junior, Republicano.
Marques Lopes Leitão, Ex-monarquico.
Mariano Martins, Republicano.

- Mariano Felgueiras, Ex-monarquico.
 Mario Infante — Manifestou-se depois da republica.
 Mario Pamplona Ramos — Manifestou-se depois da republica.
 Matias Boleto Ferreira de Mira, Republicano.
 Maximino de Matos — Manifestou-se depois da republica.
 Nuno Simões, Republicano.
 Paulo Cancela de Abreu, Monarquico — Deputado do seu partido.
 Paulo Menano, Ex-monarquico.
 Paulo Limpo Lacerda — Manifestou-se depois da republica.
 Pedro Augusto Pereira de Castro, Ex-monarquico.
 Pedro Gois Pita — Manifestou-se depois da republica.
 Pedro do Vale Sá Pereira, Republicano.
 Plinio da Silva — Manifestou-se depois da republica.
 Rodrigo Rodrigues, Republicano.
 Sebastião Heredia — Manifestou-se depois da republica.
 Teofilo Maciel Carneiro — Manifestou-se depois da republica.
 Tomaz de Sousa Rosa, Republicano.
 Tomé de Barros Queiroz, Republicano.
 Valentim Guerra — Manifestou-se depois da republica.
 Vasco Borges — Manifestou-se depois da Republica.
 Ventura Malheiro Reimão, Ex-monarquico.
 Virgilio Costa — Manifestou-se depois da republica.
 Virgilio Saque — Manifestou-se depois da republica.
 Victorino Godinho — Manifestou-se depois da republica.
 Victorino Guimarães, Ex-monarquico.

Ano XIII da Republica em 6.^a feira

